



A REDUÇÃO DA TRANSITIVIDADE E SEUS CONTEXTOS DE USO NA FALA GOIANA

Déborah Magalhães de Barros (PQ), Taynara Mendes G. Pereira (IC)*

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina

Resumo: Esta pesquisa destina-se a analisar e descrever a transitividade na fala goiana a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), representados especialmente por Barros (2011, 2016), Cezário e Furtado da Cunha (2013), Croft (2001), Furtado da Cunha e Souza (2011), Givón (1984,1990), Goldberg (1995,2006), Hopper e Thompson (1980), Langacker (2013), Oliveira e Rosário (2015), Traugott (2008). Parte-se da hipótese de que a transitividade no português brasileiro (PB), representado pela variante falada em Goiás, está passando por processos de mudança em que verbos que a tradição gramatical categoriza como transitivos estão se tornando produtivos para construções com padrões menos transitivos. Essas mudanças estariam resultando na reconfiguração do sistema de voz, observável, sobretudo, pelo não uso dos pronomes reflexivos, como atestou o trabalho de Barros (2011). Para o funcionalismo, a transitividade não é um fenômeno unicamente do verbo e sim de toda oração, portanto, não ocorre de maneira dicotômica e polarizada entre o transitivo e o não transitivo, mas sim em graus observáveis em um continuum que vai do mais transitivo ao menos transitivo. O corpus sob análise, é constituído por dados de língua em uso, na modalidade falada, retirados do banco de dados do Projeto “Fala Goiana”.

Palavras-chave: Transitividade. Mudança linguística. Língua em uso.

Introdução

Esta pesquisa analisou a redução da transitividade em organizações oracionais básicas na fala goiana, que representa uma variedade do Português Brasileiro (PB). Vários fenômenos linguísticos estão em mudança no PB e, dentre eles, destacamos o sistema de voz verbal, objeto do projeto de pesquisa ao qual este trabalho se vinculou. Procurou-se compreender a organização e a funcionalidade da transitividade no contexto do sistema de voz verbal porque ela é fundamental para a configuração e estabelecimento do sistema de voz. Por isso, esta pesquisa objetivou analisar e descrever a transitividade, especialmente quanto à hipótese levantada no projeto de pesquisa de redução da transitividade que vem ocorrendo no PB e, por consequência, como essa redução afeta o sistema de voz.

Os dados pesquisados são de língua em uso e integram o projeto Fala Goiana, que é um projeto sediado pela UFG com o objetivo de analisar e descrever o português falado em Goiás como uma representação do PB. Para isso, desenvolver a pesquisa o projeto vem ao longo dos últimos 15 anos constituindo um banco de dados de língua falada na cidade de Goiânia e na cidade de Goiás. Como foi proposta do plano de trabalho, estamos colaborando com mais um inquérito para o projeto. Realizamos a coletada e foi feita a transcrição. Neste momento está em fase de revisão da transcrição. Os dados desta pesquisa foram obtidos em outras ocorrências do banco de dados.

REALIZAÇÃO



O objetivo então deste projeto foi compreender o sistema de transitividade e como redução da transitividade tem ocorre na língua falada em Goiás e, assim, analisar e descrever os principais contextos de uso que favorecem a redução da transitividade, investigando os efeitos pragmáticos-discursivos desse fenômeno. Correlacionado a isso, esta pesquisa tem colaborado com avaliação de que medida o fenômeno estaria impactando outros elementos de constituição linguística, como por exemplo, a voz. A realização desta pesquisa se amparou nos pressupostos teóricos advindos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) como em Croft (2001), Givón (1984, 1990), Goldberg (1995, 2006), Hopper e Thompson (1980), Langacker (2013), e especialmente nos estudos promovidos por Barros (2011, 2016), Cezario e Furtado da Cunha (2013).

Material e Métodos

Atentando para os pressupostos da LFCU, a análise observou as condições contextuais de produção dos enunciados, seja de natureza ampla – para além do texto –, como também o contexto textual imediato – conhecido por alguns como contexto. Fatores de ordem pragmático-discursivo são fundamentais e impactam diretamente na definição da transitividade. Destaca-se de antemão que o foco ou não na informação mais relevante é predominante para a manutenção ou retirada de informações na estrutura oracional. Com isso, vai-se ao encontro de um dos pressupostos elementares da LFCU acerca da estrutura da língua e o uso que é feito dela em contextos reais de comunicação. Teorias atuais sobre o contexto, tais como se apresentam em Diewald (2006) e Traugott (2008), propõe uma visão ampliada de contexto discursivo, focando não apenas o texto, mas também a interação, o gênero, o registro dentre outros fatores sociais e ideológicos. Nesse sentido, esta pesquisa investiga a transitividade a partir de dados retirados do Fala Goiana, em perspectiva prioritariamente qualitativa. Foram selecionados alguns verbos que podem ser categorizados conforme os padrões de Givón (1984, 1990) como prototípicos para a realização de estruturas oracionais com transitividade mais alta, tais como *construir*, *quebrar*, *esfaquear* e *vender*.

Resultados e Discussão

Para a Gramática Tradicional (GT), conforme Cegala (2007), Cunha e Cintra (2001), Savioli (1994), a transitividade é um fenômeno do verbo que recebe a classificação de transitivo e intransitivo. Se, na estrutura argumental, o verbo requer um argumento complementar ao seu sentido, conhecido na literatura como objeto, ele é transitivo. Do contrário, quando não requisita é intransitivo. Logo, a concepção da GT acerca da transitividade é, prioritariamente, dicotômica e se orienta por critérios apenas sintáticos e semânticos.

Por outro lado, em uma visão de língua como algo, dinâmico, fluido e maleável, pois é adaptável aos diferentes contextos de uso como se defende no Funcionalismo Clássico e na LFCU, a transitividade não é vinculada apenas ao verbo, mas sim a



toda a oração, por isso, ela é gradual e não polarizada uma vez que em sua configuração estão envolvidos elementos morfossintáticos, semânticos-cognitivos que são pragmaticamente acionados, como defendem Furtado da Cunha e Souza (2011). Em lugar de transitivo e intransitivo, a predição (toda oração) e não o verbo é mais ou menos transitiva. Orações que apresentam um alto grau de transitividade são consideradas representantes prototípicos do fenômeno.

Vários teóricos têm contribuído para os estudos sobre transitividade. Esta pesquisa com uma finalidade de recorte teórico optou-se basear nas categorizações definidas por Givón (1984, 1990) e em alguns dos padrões de Hopper e Thompson (1980).

Segundo Givón (1984), a base da voz ativa envolve um agente chamado de sujeito sintático; um paciente definido como complemento e um verbo. Dessa forma, tem-se um evento transitivo prototípico, isto é, possui um grau de transitividade mais alto. Para comprovar essa afirmação, considera-se as seguintes orações:

(01) Mai::: acontece que... né... foi melho...po/que... so que tamém... ele acabô:::.... né... ele nunca mais feis isso né... i **eu acabei quebrei as empada** dele tudo... a vasilha de empada...(Fala Goiana)

(02) **Quebrô o dedo da mão** (Fala Goiana)

(03) Insultano... aí eu parti pra cima dele... pedi pra ele... e ele pegô e partiu pra cima de mim tamém e eu dei um gorpe nele e derrubei ele e ele caiu... **por cima do braço e quebrou** (Fala Goiana)

Em (01), percebe-se que o grau de transitividade é alto, porque o sujeito é agente: executou a ação, intencional: teve a intenção de modificar o objeto, iniciador e volitivo; o objeto/complemento é paciente: sofrido pelo sujeito, transformado: sofre uma mudança de estado, ou seja, é concretamente afetado; o verbo é real, pontual e concreto. Por outro lado, o mesmo verbo que consta em (02) e (03) não apresentam o mesmo grau de transitividade. Em (02) não se observa a intenção e nem o objeto é visivelmente modificado como em (01). Já em (03), ocorre a supressão do objeto, portanto, a oração é ainda menos transitiva do que (02).

Em (02) e (03), pode-se observar aquilo que Givón (1984) aborda a característica da de-transitividade, isto é, da redução da transitividade, que são: a demissão do agente; a estatização do verbo, ou seja, o evento é um estado resultante.

A ideia de Hopper e Thompson (1980) se assemelha com a de Givón (1984) e complementa relatando que uma oração prototípica envolve pelo menos um agente, sintaticamente chamado de sujeito e um paciente codificado com objeto direto. Assim, conclui-se que as orações quem possuem um objeto são as mais transitivas e as que não possuem ditas menos transitivas. Uma transitividade alta é aquela que possui dois ou mais participantes que participam uma ação (sujeito/ agente); o aspecto do verbo é perfectivo, pontual, intencional (sujeito teve a intenção de praticar tal ação) ocasionando na polaridade da oração afirmativa e um objeto paciente (que sofreu tal ação). A seguir, em (04) e (05), nota-se também uma redução da transitividade em orações elaboradas com o verbo *construir*.



(04) Era aqui mesmo... no rio vermelho né... e aí eu vô te falá uma coisa ... eu continuei trabalhano no garimpo... peguei mais oro... **i nós construimo a casa** ... e pra num falá que eu fiis a casa sozinho... meu pai já trabalhava tamém... ele ajudô com a madeira e as telha... o resto eu fiz...(Fala Goiana)

(05) **Prá construí**... pra alcançá o meu objetivo... qu/era tirá minha mãe daquele... daquele sufoco e aí meu pai tamém já trabalhava já no garimpo já sabe... (Fala Goiana)

Givón (1984) e Hopper e Thompson (1980), entendendo que a transitividade é um fenômeno do nível da oração e não do verbo, a concebem como uma propriedade contínua, escalar e gradiente. Uma oração transitiva prototípica envolve no mínimo um agente, codificado sintaticamente como sujeito e um paciente, codificado sintaticamente como objeto direto. Assim, em termos sintáticos, as orações que possuem objeto são mais transitivas e as que não possuem são menos transitivas. Em (04) a casa do arg2 está preenchida com o objeto (casa), que é resultado de um verbo de ação como construir. Já em (05), elementos textuais – como a informação anterior de que o objeto da construção seria a casa – e elementos pragmáticos-discursivos – como o conhecimento socializado pela comunidade sobre o desejo de construção de uma casa e da importância dela para uma família – colaboraram para que a casa do arg2 ficasse vazia. O verbo *construir*, nesse caso, sofre também uma semantização e passa ser um evento que rescinde da informação complementar, ou seja, o objeto.

Com base nessa concepção de transitividade que esta pesquisa trabalhou com a hipótese de que orações que tradicionalmente transitivas – isto é, aquelas que, prototipicamente, deveriam ser elaboradas com uma transitividade mais alta – estão assumindo padrões menos transitivos. Padrões como os observados nas ocorrências anteriores podem estar motivando outras construções com transitividade mais baixa como a que está em (06)

(06) Pastel vende bem na feira. (Fala Goiana, dados não sistematizado)

Tradicionalmente o verbo *vender* solicita dois argumentos e, por isso, é mais transitivo, implicando na predicação um sujeito/agente e um objeto/meta. O que se observa em (06) é um padrão diferente de configuração oracional com o verbo *vender*, pois seleciona apenas um argumento sujeito com o papel temático de meta. Dentre outros fatores a construção em (01) resultado de uma redução na transitividade. Os motivos que estariam levando a essa redução são de base estrutural, como, por exemplo, a alta frequência de construções com transitividade mais baixa como em (02), (03) e (05), mas também elementos pragmáticos como a necessidade de focalizar apenas a informação relevante para os efeitos da interação verbal. Diferentemente desses motivos, em (07), o verbo *vender* compõem orações com transitividade mais alta, fato que se dá exatamente pela necessidade de informação do objeto vendido, bem como do vendedor.



(07) vendia bolim de arroz... vendia salgado... mas um dia eu pensei que tinha de trabalhá pra mim mesmo i ganhá o meu dinheiro (Fala Goiana)

Esse novo comportamento na transitividade tem afetado toda elaboração da oração e causado mudanças no sistema de voz do PB. Conforme os pressupostos da LFCU, elementos pragmáticos discursivos podem explicar a dinâmica da língua que tem conduzido à mudança visível no aspecto formal, como em (06), seguindo a concepção de Traugott (2008) que considera tanto o texto como também a interação, o gênero e vários outros fatores de ordem social, histórica e ideológica que estão envolvidos no contexto. A gramática é um conjunto de princípios dinâmicos vinculados a rotinas cognitivas que, no uso, são moldadas, mantidas e modificadas. Ao contrário do que preconiza a GT, ela emerge via cognição, no e pelo uso da língua (LANGACKER (2013).

Croft (2001) e Goldberg (2006) elucidam que a transitividade faz parte das generalizações amplas da língua, ou seja, ela faz uma integração entre o léxico e a gramática, possibilitando que as construções tenham relevância sintática. Acrescenta-se que a relevância sintática emerge das condições de produção e uso linguísticos, portanto, os objetivos interativos são decisivos na configuração formal da língua, isto é, a forma da língua é impactada pelo uso que os falantes fazem dela em situações reais de uso.

Considerações Finais

A relevância da pesquisa consistiu na contribuição com o conhecimento acerca de fenômenos em mudança no PB e a ampliação dos dados de língua em uso disponíveis para a pesquisa, uma vez que esta pesquisa, em harmonia com o projeto ao qual se vincula, obteve a coleta e transcrição de dados de língua em uso. Com base na compreensão da redução da transitividade que ocorre na língua falada em Goiás e na descrição dela, levanta-se a hipótese de que as orações que tradicionalmente são consideradas mais transitivas, estão assumindo padrões menos transitivas, essa hipótese em outras palavras diz respeito à de-transitividade que vem ocorrendo no Português Brasileiro. Além disso, a pesquisa tem possibilitado minha inserção formal no universo da pesquisa científica e colaborado significativamente com a minha formação teórica e acadêmica.

Agradecimentos

Ao programa de iniciação científica da Universidade Estadual de Goiás e aos integrantes do Grupo de Estudos Funcionalistas da UFG e, especialmente, aos integrantes do Grupo de Estudos Funcionalistas Cora Coralina.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Referências

BARROS, D. M. *Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo na fala goiana*. 2011, 218f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

_____. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016, 177f. Tese de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelota*. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2013.

CROFT, William. *Radical construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, USA, 2001.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*. The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER J.P.; THOMPSON, S.A. Transitivity in Grammar and Discourse. Source: Language: *Linguistic Society of America* v. 56. n. 2 (jun, 1980) p. 251-299. Disponível em <: <http://www.jstor.org/stable/413757>.> Acesso em 28 mai. 2011.

OLIVEIRA, M. R. DE; ROSÁRIO, I. C. *Linguística Centrada no Uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

TRAUGOTT, E. *The status of onset contexts in analysis of micro-changes*. Draft version, 2008.